

A memória cultural mukongo em face de colonialidade: decolonialidade com a desobediência epistêmica

La memoria cultural mukongo frente a la colonialidad: descolonialidad con desobediencia epistémica

Gabriel Ambrósio¹

Resumo

O resumo visa abordar a minha memória cultural mukongo em face de colonialidade imposta pela assimilação cultural presente na sociedade do Zaire onde nasci. Tendo nascido fora da cultura latino-americana, dialogarei partindo do biolocal marcado por dois lócus enunciativos (Bessa-Oliveira, 2018, Nolasco (2013,2018). Quero pensar em alguns conceitos como *nganga*, *muntu* dentro da língua afrikana kikongo, como também a invisibilidade dos rituais religiosos ancestrais contemporaneamente. Objetivo narrar e reviver reapropriando-me como nativo, repensar e naturalizar a cultura, escrevendo na perspectiva teórica do eu sujeito *muntu*, e dos imaginários de *lócus* e da memória ancestral no corpo e arte Achinté (2009). Será que tenho o imaginário ligado à cultura ritual ancestral? Penso que essa invisibilidade é o resultado da colonialidade, essa colonialidade nos faz esquecer ancestralidade na cultura mukongo. Assim penso na imigração na América- Latina Brasil, em 2011, conheci um terreiro numa periferia. Lá e agora nascendo à pesquisa refletindo o meu projeto, baseado em Frantz Fanon (2008) em *Pele Negra, Máscaras Brancas* que inspirou-me a refletir sobre a cultura do colonizador de um lado, e de outro lado, a minha cultura local. Sinto-me exilado da minha espiritualidade e parto da força inspiradora em Ramón Grosfoguel (2009), Nolasco (2019), Hugo Achugar (2006), e Achinté (2009). Pensar e transgredir a epistemologia dentro da minha cultura local e naturalizar os conceitos como o eu sujeito pesquisador. Nos procedimentos metodológicos inspirando-me em estudos descoloniais fronteiriços dos latino-americanos Nolasco (2013, 2019), para estabelecer a re-existência da cultura ancestral dentro do meu biolocal-espiritual na memória simbólica e pela desobediência epistêmica da subalternidade imposta e recusar a colonialidade de modo transdisciplinar para emigrar na perspectiva decolonial. Usar a reflexão metodológica a minha própria experiência nas leituras teóricas da pós-graduação, permite-me fazer essa viagem entre o lócus daqui, para refletir lá, sobretudo, o meu imaginário dos espaços simbólicos silenciados Mignolo (2008, 2003) na *decolonialidade* e *desobediência epistêmica* caminho para então pensar e repensar o lugar da cultura Kanda - comunidade no sentido local.

Palavras-chave: Memória Cultural mukongo; colonialidade; desobediência epistêmica; decolonialidade.

Resumen

El resumen tiene como objetivo abordar mi memoria cultural mukongo frente a la colonialidad impuesta por la asimilación cultural presente en la sociedad zairense donde nací. Habiendo nacido de la cultura latinoamericana, estaré dialogando desde lo biolocal marcado por dos locus enunciativos (Bessa- Oliveira, 2018, Edgar Nolasco (2013,2018). Quiero pensar en algunos conceptos como *nganga*, *muntu* dentro de la lengua afrikan kikongo, como también la invisibilidad de los rituales religiosos ancestrales al mismo tiempo. El objetivo es narrar y revivir, reapropiando como nativa, repensando y naturalizando la cultura, escribiendo en la perspectiva teórica del yo sujeto *muntu*, y del locus y memoria ancestral en el cuerpo y el arte achinté. (2009) ;Tengo el imaginario conectado

¹ Mestrando em Estudos de Linguagens na Universidade Federal do Mato do Sul. Campo Grande, MS. Brasil. Bolsista CAPES. Email ambrosionuni@gmail.com

a la cultura ritual ancestral? Creo que esta invisibilidad es el resultado de la colonialidad, que la colonialidad nos hace olvidar la ascendencia en la cultura Mukongo. Entonces pienso en la inmigración en América Latina, Brasil, en 2011 conocí a un allí y ahora nació la investigación que refleja mi proyecto, basado en Frantz Fanon (2008) en *Black Skin, White Masks* que inspiró reflexionar sobre la cultura del colonizador por un lado, y por otro lado, mi cultura local. Me siento exiliado de mi espiritualidad y comienzo de la fuerza inspiradora en Ramón Grosfoguel (2009), Nolasco (2019), Hugo Achugar (2006), Achinté (2009). Pensar y transgredir la epistemología dentro de mi cultura local y naturalizar conceptos como sujeto de autoinvestigación. En los procedimientos metodológicos inspirados en los estudios de frontera descolonial de los latinoamericanos Nolasco (2013,2019), establecer la reexistencia de la cultura ancestral dentro de mi memoria biolocal-espiritual en la memoria simbólica y por la desobediencia epistémica de la subordinación impuesta y rechazar la colonialidad. forma transdisciplinar de emigrar en la perspectiva decolonial. Utilizar la reflexión metodológica sobre mi propia experiencia en las lecturas teóricas de los estudios de posgrado, me permite hacer este recorrido entre el locus aquí, para reflexionar allí, sobre todo, mi imaginario de los espacios simbólicos silenciados Mignolo (2008, 2003) en la descolonialidad y la desobediencia. forma epistémica de pensar y repensar el lugar de la cultura de la comunidad Kanda en el sentido local.

Palabras clave: Memoria Cultural Mukongo; colonialidad; desobediencia epistémica; decolonialidad.

1. Introdução

A minha experiência e reflexões partem do ensaio de Frantz Fanon (2008) em *Pele negra, máscara Branca* e através dele reflito a imposição cultural da civilização colonial. Penso também no romance Pepetela *A Geração da Utopia* (2004) que aparece o termo *kalunga*, por exemplo, mas tenho outro imaginário ancestral do *kalunga* na minha comunidade remetendo algo ligado à divindade. Trago outros conceitos da língua kikongo como *nganga* e *muntu* que nas traduções não trazem vibração nativa culturalmente. E mesmo a espiritualidade ancestral está na ordem da colonialidade, pois a vinculação religiosa não passa de colonização e assimilação dentro do corpo, da arte, do local da minha origem. Hoje existem religiões cristãs que desprezam rituais locais, por exemplo. Desde a invasão colonial em que aprenderam os saberes linguísticos locais e usaram a língua kikongo para doutrinar a comunidade na visão teológica imperial. Esse é resultado da assimilação que Fanon (2008) afirma que a civilização europeia ofuscou a realidade cultural na minha região lá e como aqui na América Latina as religiões de matriz afrikana sofrem por espaço e desprezo, devido ao sistema moderno que está presente nos países colonizados, subalternizados e marcados pela cultura ocidental.

No entanto, o conceito de *nganga* traduzido como viés religioso colonial como feiticeiro-curandeiro, mas na língua local não têm essa semântica, logo penso em Mignolo (2003) na obra *Histórias locais / projetos globais* que evoca reflexão de como os outros criaram as situações culturais e linguísticas como uma das armas poderosas para a construção de comunidade impostas de lógica diferente saberes (MIGNOLO, 2003). *Nganga* são os sábios locais, têm o domínio natural no conhecimento de plantas medicinais, a espiritualidade ancestral, pois são minhas referências, desobedecendo à epistemologia colonial. Como afirma Fu-kiau e Santos (2019), não se compreendem com a lógica da imposição semântica da colonialidade: “Nganga não é somente uma pessoa de teoria, conforme as ciências sociais ocidentais. Nganga cria, inventa, executa sua especialidade” (SANTOS, 2019, p. 178). A cultura educacional e linguista não cabe traduzir os códigos ancestrais com olhar eurocêntrico. Essa força impositiva que recusa para ressignificar o que tem sido negado, silenciado.

Contudo, com a colonialidade foram silenciadas desde o século XIV que se teve contato com os brancos, até então ancestralidade era respeitada por todos bakongos no *locus* Nenzinga-Mbanza- Kongo, ora Nzadi. O desvio de alienação e assimilação que “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30). E noutra

reflexão ele escreveu “Para o segundo, é como vítima de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior” (FANON, 2008, p. 185).

A ideia trazida por colonizadores que explorou a cultura, a terra, a utópica de superioridade sobre o *bantu*²- como plural do *muntu* junto do singular, traduzindo na verdade, estaríamos a repetir o desprezo que a cultura europeia e sua epistemologia colonial. Muntu não é personalidade que carrega a máscara semanticamente, na ontologia local e ancestral, o *muntu* é mais que o físico, e sim elementos integrados energéticos, o mistério existencial e suas relações socioculturais (SANTOS, 2019). *Muntu* não traduzível no eurocentrismo. Na verdade, o kikongo foi negado e depois ressignificado por aqueles ensinaram os colonizadores para traduzir a bíblia na língua afrikana³ kikongo. Muitos conceitos têm a imposição da civilização branca europeia. Mas, hoje, a periferia é a imposição da colonialidade conforme revela Mignolo (2017, 2008), a minha narrativa nesse contexto está com essa experiência e reflexão sobre os princípios dos rituais ancestrais que se fazem neste lócus, brasileiro que conheci o candomblé em 2011.

É essa colonialidade que afasta os terreiros na periferia, trazendo a reflexão do professor e crítico Grosfoguel (2009) em *Descolonizar os estudos de economia política* escrevendo que as religiões de matriz afrikana postas na periferia da colonialidade “A pretensa superioridade do saber europeu nas mais diversas áreas da vida foi importante aspectos da colonialidade do poder no sistema mundo-colonial/moderno. Os saberes subalternos foram excluídos e ou ignorados” (GROSFOGUEL, 2009, p. 405). Além de silenciados, foram adulterados os seus verdadeiros sentidos semânticos das línguas. Na perspectiva dialógica latino-americana em estudos fronteiriços e conceituais que uso nesta narrativa para pensar a cultural local, mas também pensar como periférico silenciado do lócus afrikano e aqui no Brasil, como localização atual e nele resistindo. Mas sinto o *bios* no lócus, ou seja, “Pesquisador a partir de onde se pensa faz toda diferença para o pesquisador que se sabe sente e pensa que a inserção de seu bios na origem de sua reflexão crítica faz toda a diferença” (NOLASCO, 2018, p. 13). Eis um diálogo perfeito da minha inspiração latino-americana para pensar a origem do meu *bios* como pesquisador. Nesse sentido, pesquisar e narrar é também forma de desobedecer à epistêmica imposta, pois pensar a decolonialidade, reviver, reolhar a cultura na forma teórica começando pelo lócus, sobre crítica do eu sujeito pesquisador. Afirma o pesquisador Bessa Oliveira (2018) *tomando o bios do sujeito, pensando numa proposição teórico-crítica, e o lugar de onde emergem esse sujeito e suas práticas, é levar em consideração o personagem que envolve papel fundamental nas práticas socioculturais* (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 67). O meu lugar de nascimento, da memória da infância e agora do eu sujeito pesquisador, a vivência que tenho e o que penso e critico. A perspectiva do “pertencimento ao lócus”, ou seja, Da noção de pertencimento ao lócus cultural como condição para estabelecimento de um discurso crítico específico. (...) os deslocamentos críticos na geografia global, mas também reconhecem que fora preciso fazê-lo, de certa forma, para reler seus *loci* de origem (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 67).

² O termo bantu na perspectiva colonial traduz-se por plural de pessoas, mas na perspectiva descolonial não tem tradução bem como o seu singular Muntu. Na cultura do kanda e local, não se dá esse conceito à pessoa no sentido de que, um muntu é muito mais que pessoa. É a intraduzibilidade que falo.

³ Os substantivos África e seu adjetivo está sendo escrito na língua afrikana kikongo e desobedecendo a escrita colonial. Pois na minha língua não tem a letra C, mas tem K. Eis a razão neste texto será assim.

2. Conclusões preliminares

Esse relato de experiências de tomar o discurso de pertencimento da minha língua nativa apesar dos deslocamentos e vivências teóricas dos pensadores latino-americanos, mas pensar os conceitos *nganga* e *muntu* como sujeito pesquisador e meu projeto em curso, pensando a geração da utopia e ensaios do Fanon me ajudam fazer os estudos transdisciplinares. Aprendendo e reaprendendo os rituais da resistência ancestral que sinto e revivo, com a desobediência epistêmica em curso. Compartilhar essas vivências de sentir é pertinente e causam impacto como pesquisador que está na periferia e partindo dela reafirmo- como nativo que foi invadido pelo eurocentrismo. A ferida não está curada, o sujeito não está com única visão da subalternidade, mas para demonstrar o não silenciamento dentro dessa narrativa de memórias. As dificuldades de referências teóricas locais para ajudar a repensar.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. (Obra Completa)

ACHINTÉ, Albán Adolfo. *Artistas indígenas y afrocolombianos: entre las memorias y las cosmovisiones*. In *Arte y Estética en la encrucijada descolonial/* compilado por Zulma Palermo – 1ª Ed. Buenos Aires: Del Signo, 2009. (Capítulo do Livro)

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens Biográficas pós-coloniais: Retratos da Cultura local sul Mato-Grossense*. Campo Grande, MS. Life Editora, 2018. (Obra Completa)

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira, Salvador. EDUFBA, 2008. (Obra Completa)

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES; Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina, 2009. (Capítulo do Livro)

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução Ângela Lopes Norte. In: *Caderno de Letras da UFF – dossiê: literatura, língua e identidade*. 2008, p. 287-322. (Artigo em Periódico)

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: *Epistemologia do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), 2017, p.12-32. (Artigo em Periódico Físico)

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003. (Obra Completa)

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução Marco Oliveira. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 32 Nº 94, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

NOLASCO, César Edgar. Descolonizando a pesquisando acadêmica: uma teorização sem disciplinas. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, Campo Grande, v. 1, 2018, p. 09-21. (Artigo em Periódico)

NOLASCO, César Edgar. *Perto de coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. (Obra Completa)

PEPETELA. *Geração da Utopia*. Editorial Nzila. Luanda, 2004. (Obra completa)

SANTOS, Cigana Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu kiau*: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 233 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019. (Tese)